

AJ03460

Em Vitória, uma colônia chora acompanhando a distante guerra

Maura Fraga

Uma coisa que o libanês faz bem é prantear. Ele chora, se lamenta ou se debate diante do noticiário da tevê que transmite imagens sobre a guerra em seu pequeno país de apenas 10 mil quilômetros quadrados (o Espírito Santo tem 45 mil quilômetros). Os descendentes, em geral, mais susceptíveis, não suportam as cenas de violência numa batalha fratricida:

— Eu desligo a televisão e vou dormir, porque é doloroso demais, comenta dona Leonor Miguel Feu Rosa, filha do patriarca João Miguel que veio para o Espírito Santo com 14 anos e tornou-se, além de próspero comerciante, o chefe político da Serra.

O comerciante Jamil Murad, que chegou do Líbano com 20 anos e há 54 vive no Espírito Santo, acompanha atentamente o noticiário. Lá, no Oriente, sob a constante ameaça de bombas, encontram-se os seus familiares. Ele compra três jornais por dia e há uma semana recebeu uma carta da irmã Najila, residente na zona de Baalbek, dizendo-se muito triste.

— Seu filho, que era professor, foi posto para fora do emprego. Não deixam mais que leccione, por perseguição. Eles são cristãos.

“Seu” Jamil, de 74 anos, que chegou como mascate, desembarcou no Rio de Janeiro, viveu três anos em Minas Gerais e acabou vindo para Vitória, considerada pelos seus conterrâneos um bom centro comercial, e prosperando sob muitos aspectos. Tornou-se rico e construiu, no centro da cidade, o Edifício Murad, mas o investimento que considera “mais valioso” foi a educação dos filhos. Celso é hoje um médico conhecido; Sandra formou-se em Administração de Empresas, casou e vive na França, Sérgio ajuda-o nos negócios. Há poucos dias ele vendeu a sua firma, A Carioca, de atacados, e agora descansa.

JUNTOS

— Jamil e Chafick Murad, irmãos, foram homens corajosos, comenta o colunista Hélio Dórea. E de temperamento muito forte. Em certa época, Jamil era presidente do Clube Sírio-Libanês, da Praia da Costa, e houve um desentendimento entre os diretores. Ele decidiu deixar o cargo. Despediu-se dos demais, chegou à porta, curvou-se, beijou o batente da entrada e disse: “Não volto mais”. E ninguém o viu outra vez no Líbano.

Chafick, pai do presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, seção Espírito Santo, Milton Murad, faleceu há alguns anos. Entre os amigos ficou a lembrança do homem que gostava de ajudar. “Eu me orgulho de ter tido um irmão daqueles”, comenta Jamil. “Ele tinha sempre uma maneira de apoiar a quem necessitasse”, confirma Hélio Dórea, que conhece intimamente a trilha percorrida pelos libaneses, em Vitória.

— Chegaram pobres, trabalharam muito, educaram os filhos. Suas riquezas tinham uma origem comum, a vida de mascate após o desembarque no Porto de Vitória. Na década de 50 a colônia florescia. Suas belas filhas

Em Vitória, uma colônia formada por 50 famílias acompanha de perto o conflito do Líbano. Cristãos, os seus integrantes seguem os avanços muçulmanos e têm poucas esperanças de que os seus familiares, ainda residentes no país, possam ser preservados. Um povo que chegou como mascate e hoje possui fortunas, nomes conceituados intelectualmente no seu “clã”, o libanês radicado no Espírito Santo somente agora, numa terceira geração, é que se mescla, permitindo que os seus filhos casem com os não “patricios”.

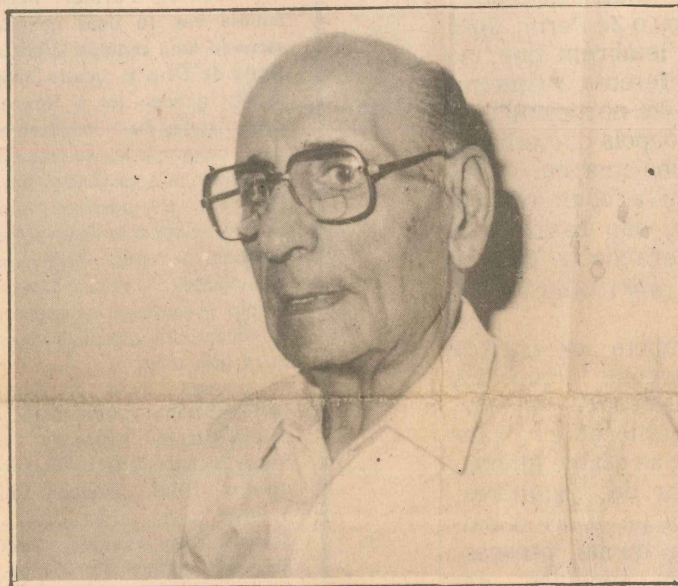
Entre os mais antigos, estão Jamil Murad e Jorge Bouery, que deixaram o Oriente há mais de meio século, mas ainda hoje choram, quando vêem seu minúsculo país sendo destruído por bombas, nessa guerra civil que já dura nove anos.

Na década de 50, a colônia floresceu, aqui, com os seus principais membros exibindo orgulhosamente os resultados do trabalho de anos no comércio: exuberantes mansões, carros importados, festas muito fartas.

Foto de Nestor Muller



D. Leonor, filha de um dos primeiros libaneses estabelecidos no ES, fundador da Serra



Jamil Murad se corresponde com parentes no Líbano e acompanha o noticiário

UM PATRIARCA

Dona Leonor Miguel Feu Rosa é a mais velha entre os 14 filhos do libanês João Miguel que chegou ao Brasil ainda no século passado, com 14 anos, e abrigou-se na Serra para fugir a um surto de febre amarela que atingia Vitória, tornando-se em menos de 30 anos o homem mais rico da região.

Dona Leonor, “Zindoca” para os íntimos, gosta de contar a história desse imigrante que, “quando eu era menina, passava e repassava com detalhes a sua aventura, talvez porque, de todos lá em casa, eu fosse aparentemente a mais interessada”.

João Miguel ouvia falar da América como a terra da promessa, onde corria dinheiro. E decidiu juntar o dinheiro que os pais lhe davam, dia após dia, até conseguir o suficiente para a passagem para o Brasil. Ouvia os pais contar estórias a respeito dos maometanos. E todos à sua volta temiam a perseguição.

— Desembarcou no Rio e veio para o Espírito Santo. Em Vitória, porém, havia uma epidemia de febre amarela. Meu pai, então, assustou-se e saiu caminhando até a Serra. O lugar era tranquilo, ficou lá, vendendo uma coisa e outra. Depois, abriu uma vendinha, prosperou e comprou a casa que havia hospedado Don Pedro II.

O comércio cresceu, vieram as pressões dos negociantes locais contra o “estrangeiro”.

— João Dalmácio e Delmiro Castelo — conta dona Leonor — dominavam a região. Revoltados, eles diziam que os “turcos” tinham vindo atrapalhar as suas vendas. Além disso, dominavam a política local. A rivalidade cresceu e, em represália, os adversários de meu pai prenderam o seu meio de transporte: o gado usado nos carros para levar mercadorias.

João Miguel tinha, entre os seus credores, um padre. Na questão, segundo dona Leonor, ele ficou ao lado dos comerciantes serranos. E certo dia convidou o libanês para um encontro. Lá chegando, João Miguel viu que estava envolvido num duelo. Mas não trazia armas. A intervenção de um morador local evitou um problema mais sério. O libanês decidiu procurar o bispo, dom Fernando Monteiro, para pedir sua ajuda.

— Don Fernando, que era contrário à discriminação, disse ao meu pai: “Você volta para a Serra, pois vou fazê-lo chefe político de lá”. Papai explicou-lhe que era estrangeiro e tinha dificuldades até com o idioma, não queria cargos. D. Fernando chamou o seu irmão, o então governador Jerônimo Monteiro, e ele disse a meu pai: “Na próxima semana, entregarei as rédeas do Governo da Serra a você, João Miguel”.

Cumprindo o que prometera, o governador enviou à Serra, cerca de sete dias depois, o tenente Amâncio Pereira, seu ajudante de ordens. Sob aplausos, salva de tiros e toques da banda local, João Miguel, o libanês, recebeu a “chefia” da política local.

— Nunca quis ser prefeito, mas dirigiu o município.

Sentia saudades do Líbano, apesar de ter

de 50 a colônia florescia. Suas belas filhas eram jovens cobiçadas, mas os libaneses preferiam casar-se entre si.

Os filhos brilhavam nos cursos universitários, os pais preferiam-nos "doutores". Suas casas eram mansões decoradas por tapetes, jarros e lustres orientais de valor inestimável. Havia luxo e abundância nessas casas que viviam permanentemente abertas para os amigos não-libaneses, e nas quais se ofereciam banquetes com iguarias da terra. A vida social girava em torno da sede do antigo Clube Vitória, um casarão cor-de-rosa, na avenida Cleto Nunes, onde as libanesas desfiliavam seus belos vestidos e jóias preciosas.

Distanciado de todo esse fulgor, "seu" amil, já na segunda-feira, buscava novas informações sobre o seu país: "O que sinto, ninguém pode imaginar. Conheço de perto as terras que estão devastando, os hotéis. Minha mulher, síria, também conhece e lamenta. Os hotéis que destroem são belíssimos".

Esteve no Líbano, acompanhado da esposa, em 1967. Numa segunda visita, em 1973, pressentiu que a situação se agravaria: "Senti de perto que havia todo um clima de hostilidade e que ia acontecer algo. Antigamente os cristãos eram maioria, agora são minoria. Há um presidente cristão maronita, o primeiro-ministro e o presidente do Congresso de linhas muçulmanas. É uma guerra religiosa, e não civil".

Católico, romano, "seu" Jamil não vê uma saída para o conflito no Líbano. Há sectarismo de todo lado e isso, na sua opinião, dificulta qualquer entendimento: "Lá é difícil acertar, principalmente agora, quando tanta gente está morrendo. Estivemos na Suíça duas vezes, em negociações pela paz, mas nada conseguimos. Querem dividir o pequeno Líbano em quatro partes. Não dá para aproveitar nada. O país é tão reduzido, tem apenas 10 mil quilômetros quadrados".

Jamil veio sozinho, de navio, numa viagem que durou 45 dias. Mas foi precedido por um irmão e o seu próprio pai já estivera no Brasil em 1890: "Era um tempo em que se escolhia, entre o Brasil, Austrália ou América do Norte".

De navio, também, há 60 anos, chegou ao Rio de Janeiro a libanesa Dadha (que quer dizer "linda") acompanhada do seu filho

Georges. Ela preferiu deixar o país de origem a perder mais um membro da família. O marido e o filho já haviam vindo antes. Hoje, com 84 anos, forte, brasileiro naturalizado, o comerciante Jorge Tamouss Bouery ainda lembra com detalhes a época de sua juventude no Oriente Médio. Mas comenta aliviado, acompanhando o conflito em seu país:

— Eu sempre digo que a melhor coisa que há aqui é esta liberdade religiosa. Ninguém se preocupa ou sabe a religião do outro. As pessoas perguntam: "Você é brasileiro?". E pronto. Nunca se indaga: "É cristão, é muçulmano?".

A sua maior expectativa, agora, gira em torno da vida dos sobrinhos que ficaram para trás. Um deles, o mais novo, casou recentemente, e chegou a tirar um passaporte, pretendendo vir para o Brasil. O receio de não se adaptar, porém, fez com que desistisse da mudança.

GUERRA

Georges Bouery lembra que, em Beirute, ocupava um cargo público de grande importância. Era ajudante de farmacêutico, manipulava a fabricação de remédios numa época em que não havia, ainda, indústrias especializadas e trabalhava no Hospital do Governo. Sua presença era sempre requisitada.

— Lá, com 13 anos, o menino já sai para ganhar a vida e tem responsabilidades, como adulto. Além de sustentar minha família, salvei minha mãe e irmãos da fome. O Líbano era dominado pela Turquia, nós estávamos com os aliados, fecharam os portos. Morreram dois terços dos cristãos. Os poderosos, principalmente, porque não sabiam trabalhar e acabaram vendendo o que possuíam. Esses morreram de fome. Quando sai, a nação já estava sob domínio francês. Levamos um mês viajando num velho navio italiano denominado Europa, mas minha mãe quase não suportou a travessia.

TRABALHO

Foram viver, inicialmente, em Maricá, no

Estado do Rio. Depois transferiram-se para Guarapari, onde já residia um tio de Georges.

— Comecei a trabalhar como tropeiro, com meu primo, humildemente, eu que já ocupava no Líbano uma posição importante socialmente. Mas não pude voltar, porque não queria mais deixar a minha mãe e levá-la seria colocar em risco sua vida. No Brasil passei fome também, e lutei muito.

Casou com uma brasileira, teve filhos: Ruben e Sônia. Ela puxou a ele em tudo. Tornou-se comerciante, dinâmico. Tem o jeito do pai para os negócios. "Seu" Georges Bouery também construiu edifícios e viu crescer o seu patrimônio. Houve um tempo em que possuiu, no centro de Vitória, na Praça Oito, onde hoje está o Edifício Sarkis, uma das mais movimentadas lojas de artigos para homens: A Moderna.

— Sempre fui esperto. Jovem ainda, comprei um carro de praça e coloquei-o para funcionar em Beirute. O motorista não teve cuidado. O carro, em mau estado, não podia mais ser vendido. Decidi atravessar fronteiras e saí escondido da minha mãe. Acabei no Iraque, e vendi o carro por libras em ouro. No dia em que voltei para casa, todos estavam assustados com o meu desaparecimento. Mas foi uma festa. Os meninos gritavam: "Olha o Jorge". Naquele tempo a gente não podia se ausentar da família nem por um dia.

Ele ainda se alegra pelo fato de sua região, um setor que vai de Beirute a Trípoli ("onde há cristãos puros") não ter sido atingida. Mas não tem esperanças de que esta situação de preservação dure muito tempo ainda. Os bens da família foram todos transferidos para os sobrinhos: "Tínhamos muita coisa por lá, cedemos tudo, porque não iríamos mesmo voltar à terra. Nossa descendência é muito antiga, tradicional, tem até monarcas. Mas o meu pai quebrou uma determinação de só se permitir casamento entre parentes, sequestrando uma bela jovem".

Relembrar todos esses fatos lhe traz saudades. E um certo desespero em relação aos sobrinhos que há muito não dão notícias: "Perdemos o contato com eles. As cartas são examinadas e parece que já não chegam".

município.

Sentia saudades do Líbano, apesar de ter se tornado figura proeminente na região. Sua mulher, a brasileira Ana, era obrigada a preparar diariamente os pratos da terra, embora à parte, com os 14 filhos, fizesse refeições bem brasileiras, feijoadas com pimenta, muquecas, tutu de feijão. Com a prosperidade, trouxe para o Brasil sua mãe, Ana Miguel, que morreu na Serra. Não chegou a voltar ao Líbano pois aos 52 anos perdeu a vida em um desastre.

— Ele falava em visitar sua tja — lembra dona Leonor. E prometia me levar. Era católico também. E muito inteligente. Quando não existia a estrada de ferro Vitória-Minas as populações de Ibraçu, Timbuí, Fundão, Colatina, desciam para comprar na Serra, trocavam outros gêneros pela mercadoria que tínhamos no armazém.

Mais tarde, Pedro Nolasco, o engenheiro, construiu a ferrovia. E a Serra caiu na mais franca miséria. João Miguel havia comprado um sobrado no centro de Vitória. Sua mulher quis deixar o local e transferir-se para a cidade. Ele preferiu ficar afirmando, "só saio quando morrer. Fiz minha vida aqui".

E começou a comprar as terras dos que saíam, na leva do êxodo. Não havia mais condição de manter comércio, partiu para a agricultura. Comprou a localidade de Garanhuns e fez uma grande fazenda. A colheita era distribuída com os plantadores.

— Meu pai queria que os filhos seguissem os seus passos. Nossa mãe preferia vê-los formados. Quando ele morreu ela fez dois médicos, engenheiro, professoras, odontólogo. Mas eu me lembro de que ele comentava: "Ana, eu vou a Vitória e encontro uma porção de "doutores" me pedindo dinheiro emprestado".

O Líbano, para dona Leonor, é coisa familiar, bem próxima. Ela se esquivava, por isso, de acompanhar o noticiário sobre a guerra: "Se insisto, passo a noite em claro". E lembra que a família possui, ainda, propriedades numa das principais ruas de Beirute, segundo informação do Consulado: "Mas não temos interesse em reaver nada. Temos um tio na Argentina cujo paradeiro ignoramos e seria perda de tempo tentar entrar numa questão dessas numa época de guerra".

Há ideologia por trás disso?

Existe ideologia por trás dessa luta que dura nove anos? O New York Times, recentemente, através de artigo assinado por seu correspondente em Beirute, E. J. Dionne, assegurava que os termos ideológicos, parâmetros comuns da política em muitos lugares, aparentemente não são aplicáveis ao Líbano, "onde os significados de palavras como esquerda e direita frequentemente se dissolvem nos **slogans** das diversas facções.

As alianças detectadas em reuniões, como a de Lausanne, na Suíça, para conversações de reconciliação nacional, indicam a complexidade da política libanesa.

Demonstram que se reduz aos termos "esquerda contra direita" ou "muçulmano contra cristão".

Há chefes feudais que se intitulam socialistas, muitos invocam a expressão nacionalista e os que são acusados de fascistas justificam-se como reformadores sociais, "profundamente comprometidos com a democracia".

Há também vastas diferenças dentro e entre as comunidades que também acabam em complicadas alianças. O pacto original, não escrito, de 1943, partilhando o poder, foi feito principalmente entre muçulmanos e sunitas e cristãos maronitas. Relegados a segundo

plano ficaram os muçulmanos xiitas, drusos e outros grupos cristãos. Os de melhor situação econômica sempre foram os sunitas e os greco-ortodoxos. Resultado: políticos sunitas são considerados conservadores. Greco-ortodoxos, interessados em bom relacionamento com os muçulmanos, temem a militância do Partido Falangista, formado principalmente por maronitas.

O nome do Partido Falangista remonta ao movimento criado por Franco na Espanha e alguns dos seus membros reconhecem que determinadas idéias fascistas o inspiraram, quando foi fundado em 1936 por Pierre Gemayel.

O cientista político Ghassan Salameh diz que na política libanesa os termos esquerda e direita são úteis apenas para descrever atitudes em relação às potências estrangeiras: "Atitudes pró-ocidentais, anti-sírias e pró-israelenses usualmente são consideradas de direita. Por outro lado, atitudes pró-sírias, pró-palestinas, que favoreçam boas relações com a União Soviética, e de uma maneira geral, antiocidentais, são consideradas de esquerda".

Finalizando, ele assegura: "O verdadeiro motor dessa guerra sempre foi a luta pela sobrevivência e poder. O que temos é um exemplo da marginalidade da ideologia".